

UM CASO DE REPETIÇÃO NO PORTUGUÊS *

VANDERSÍ SANT'ANA CASTRO
UNICAMP

RÉSUMÉ

A partir de données recueillies en portugais parlé (productions spontanées) on analyse dans cet article un type de répétition de la langue, exemplifié en l'occurrence:

“aliás não é pajem pajem é arrumadeira”

(NURC/SP-D2 360, 1.303-304)

Pour caractériser ce type de répétition on tient compte des aspects distributionnels, phonétiques (suprasegmentaux), sémantiques et syntaxiques des exemples examinés. L'analyse montre le caractère épilinguistique de cette répétition, aussi bien que sa fonction cohésive dans le discours. Le cas en étude met en évidence que la répétition n'est pas tout simplement un procédé de redondance, et qu'elle n'a pas toujours lieu dans l'axe paradigmatique (- à côte du cas examiné on mentionne d'autres qui montrent aussi un rapport syntagmatique entre les termes de la répétition).

1. INTRODUÇÃO

As **Obras Completas** de Borges (1974) se abrem com uma página de grande beleza em que o escritor, em dedicatória a sua mãe, registra uma confissão sobre seus dias de criança. Nas palavras de Borges, trata-se de “una confesión, que a un tiempo será íntima y general, ya que las cosas que le ocurren a un hombre les ocurren a todos” (p.13).

Esta passagem me veio à lembrança - em uma associação que certamente empobrece seu lirismo original - a propósito de um fato prosaico de minha experiência como falante, um fato que por certo não terá nenhuma originalidade, antes repetirá

* Agradeço a Ingedore G.Villaça Koch, Maria Isolete P.M.Alves e Ester M.Scarpa pela leitura cuidadosa da versão anterior deste trabalho e por seus comentários valiosos. Os erros que permanecem são de minha responsabilidade.

uma experiência comum a qualquer falante: trata-se da curiosa experiência de, logo após ter aprendido uma palavra nova, ter a sensação de que uma estranha coincidência a faz reaparecer com uma significativa frequência nas mais variadas situações de comunicação. Parece-me que também com o investigador da linguagem acontece uma experiência semelhante - ao mesmo tempo “íntima e geral” -: desde que seu interesse se volta para um dado fato lingüístico, passa a reencontrá-lo no uso da língua com uma frequência maior do que a esperada. Certamente, em ambos os casos, a recorrência se explica não propriamente pela coincidência, mas pelo reconhecimento do que antes passava despercebido.

Justamente, pretendo focalizar aqui um tipo de repetição do português falado que me propiciou vivenciar esse tipo de experiência. Trata-se de um caso particular de repetição atestado no corpus que venho estudando (Projeto NURC-SP/D2) e que, pelo efeito de reconhecimento mencionado acima, tenho reencontrado aqui e acolá em conversações espontâneas do dia a dia, fato que contraria minha suposição inicial de se tratar de caso relativamente raro.

A repetição, enquanto característica da língua falada, tem merecido a atenção de muitos investigadores que têm-se ocupado do estudo do português oral. O fenômeno tem sido abordado a partir de recortes diferentes, de maior ou menor abrangência, e, de uma maneira geral, tem-se procurado definir os tipos de repetição segundo sua constituição formal e, sobretudo, segundo as funções que desempenha na interação verbal e na composição do texto. (Perini 1980; Ramos 1983; Travaglia 1989; Dutra 1990; Souza 1990; Koch 1990, 1992; Marcuschi 1992).

Minha preocupação presente, todavia, não é estabelecer tipos ou categorias formais e/ou funcionais da repetição no português falado, mas tão somente me limitar à descrição do caso a que me referi, focalizando-o sob diferentes aspectos.

A ocorrência que pela primeira vez chamou minha atenção para este caso é a seguinte:

- (1) “(...) eles não aceitam muito a pajem né (...)
aliás não é **pajem pajem** é arrumadeira.”¹

(NURC/SP-D2 360, l. 303-304)

Os três exemplos que se seguem atestam a recorrência desse tipo de repetição em uma conversação registrada entre um adulto e uma criança no caminho da escola, fora do horário habitual:

- (2) “A - ... Tem trânsito agora porque tem muita gente
que tem aula às oito na UNICAMP. Se bem que às **oito**
oito mesmo ninguém chega.”

(16/11/92)

¹O grifo é meu.

(3) “A - Agora, **movimento movimento** mesmo é lá pelas seis da tarde no sentido UNICAMP-cidade.”
(16/11/92)

(4) “A - E você dormiu bem essa noite?
C - **Dormi dormi** mesmo eu não dormi (...).”
(16/11/92)

O exemplo seguinte ocorreu na fala de uma adolescente, em conversa com sua mãe sobre a festinha que sua turma do curso de inglês estava programando:

(5) “A - O F. qué levá a caixa de som dele.
M - Por quê? Lá não tem som?
A - Tem! Mas é que ele qué dá **som som** mesmo.”
(30/11/92)

Outro exemplo ocorreu no comentário de um adulto diante da foto de um artista cuja beleza a filha adolescente elogiara muito:

(6) “F - Achei! Olha.
A - Bom, **bonito bonito** ele num é, mas também não é feio assim.”
(10/12/92)

Ainda um outro exemplo, este atestado em uma conversa entre adolescentes, com participação marginal da mãe:

(7) “A1 - A K. é muito mais bonita que a J..
A2 - É... a J. é gorda.
M - Macaco senta em cima do rabo e fala dos outros...
A2 - Ah, é que ela é **gorda gorda** mesmo.”
(01/02/93)

O exemplo que se segue ocorreu em uma conversa entre mãe e crianças quando provavam e avaliavam a qualidade do brigadeiro preparado pela empregada. Uma das crianças (C2), ironizando, simula um acidente provocado pelo doce:

(8) “C1 - Tá duro?
C2 - Ai! quebrei meu dentinho (rindo)
M - Ah! **duro duro** ele não tá...”
(02/04/93)

O exemplo abaixo foi ouvido em um diálogo entre dois jovens na novela **Garotas Bonitas**, do SBT:

(9) “A - Você foi namorada DISSO?

B - Bom, **namorados namorados** nunca fomos.”

(13/04/93)

Um outro exemplo ocorreu na fala de uma criança comentando a roupa que o pai, normalmente nada atento à elegância, ia usar para ir a uma festa de casamento:

(10) “C - Até que ele vai chique... Bom, ele nunca vai **chique chique.**”

(17/04/93)

Os três exemplos que se seguem foram registrados em ambiente familiar, na fala da empregada da casa interagindo com adultos: em (11) sobre o mamão que está sendo servido como sobremesa, em (12) sobre o suco oferecido às crianças, e em (13) sobre o traje usado pela dona da casa:

(11) “E - Ele não tá doce.

A - Ah, tá, M..

E - Ah, num achei que tá **doce doce.**”

(11/05/93)

(12) “A - Tá muito gelado? A L. tá resfriada.

E - Ah, não tá **gelado gelado.**”

(14/05/93)

(13) “A - Tá muito feia essa roupa pra eu i na UNICAMP?

E - Ah, **legal legal** num tá...”

(14/05/93)

O exemplo seguinte também se registrou em ambiente familiar, em diálogo entre duas crianças:

(14) “C1 - H., cê tem lição hoje?

C2 - **Lição lição** mesmo eu não tenho.”

(12/05/93)

O último exemplo que apresento ocorreu em diálogo entre dois professores, no ambiente de trabalho, no horário de almoço:

(15) “F1 - Eu não almocei, só comi uma torta.

F2 - Onde você comeu?

F1 - Na M..

F2 - Ah, é? Ela tem umas coisas boas?

F1 - **Boa boa** não é, mas...”

(12/05/93)

Creio que sem grande dificuldade se poderá ampliar a exemplificação acima. Mas, por outro lado, é bem possível que novos exemplos não apresentem grande variação em relação às estruturas atestadas nas ocorrências que registrei, mesmo porque a recorrência de tipos de exemplos se tornou patente a partir de um certo momento no levantamento dos dados, e além disso, parece ser típico do caso em estudo o fato de se realizar de forma bastante homogênea.

Procurarei, neste trabalho, identificar as características desse caso de repetição, levando em conta aspectos fonéticos, distribucionais, morfossintáticos e semânticos.

Salvo engano, este tipo de repetição não recebeu ainda um tratamento mais demorado por parte dos estudiosos que se interessam pelo tema. Na bibliografia consultada sobre o português falado, poucas foram as referências encontradas sobre o caso, e passo a apontá-las. Uma menção ao exemplo (1), extraído do corpus do NURC, ocorre em Koch (1992a:95), sem que, todavia, uma abordagem mais específica da repetição em si mesma seja apresentada. A citação figura em um exemplo de inserção. Segundo Koch, os processos de **inserção**, ao lado dos processos de **reconstrução**, constituem fatores de descontinuidade no seqüenciamento tópico na língua falada. Para a Autora, no exemplo em questão, abaixo reproduzido,

“L2...tem que levantar tem que vestir os dois...

L1 são pequeninos né?

L2 [e tenho que me vestir... porque ambos são pequenos... então eles não aceitam muito a pajem né para eh::... *aliás não é pajem pajem é pajem e arrumadeira mas*

L1 ()

L2 *quer dizer não é só é só não vive em função deles*, mas de manhã... a única função dela é me ajudar com eles... mas eles não aceitam o menino porque... quer fazer tudo sozinho... no que eu procuro deixar... e a menina porque quer que seja a mamãe que faça né? então sou eu que:: tenho que ir fazer et cetera et cetera...”

(D2/SP-360:300-311)

o primeiro trecho da inserção (em itálico) tem dupla função: *correção*, desempenhada pela seqüência “não é pajem pajem”, e *explicação*, cumprida pelo segmento

subseqüente “é pajem e arrumadeira”.² (O trecho seguinte da inserção constituiria outra *explicação*).

Ainda em Koch (1992b) encontram-se duas referências ao tipo de repetição que ora me interessa. Procedendo a um levantamento de particularidades do português brasileiro quanto à repetição, a A. menciona, no nível discursivo, a repetição do verbo principal. Entre os casos que arrola, inclui “Você já leu leu mesmo o livro todo? Você gostou gostou mesmo do presente?”, que descreve como “uma forma de repetição do verbo, acompanhado do item mesmo, com função de exprimir dúvida ou pedido de confirmação, com ênfase” (p.21).

No mesmo trabalho, em nota, Koch cita “Quero um café café” e “Tome XXXXX: o leite leite”, que identifica como “repetições tautológicas”, observando que “não consistem em simples marcas de hesitação, mas constituem uma espécie de gradação, intensificação da propriedade, a serviço da argumentação” (p.23).

Essas referências serão oportunamente retomadas.

Passo, a seguir, à identificação das características desse tipo de repetição, com base no corpus proposto.

2. SOBRE A DISTRIBUIÇÃO

Uma primeira inspeção nos dados considerando aspectos distribucionais nos leva à seguinte caracterização geral:

1. Os termos envolvidos neste tipo de repetição encontram-se lado a lado, ou seja, trata-se de uma repetição **contígua**, como se tem denominado na literatura.
2. O escopo da repetição não vai além da oração, ou, mais precisamente, restringe-se ao sintagma.
3. A repetição incide sobre um só termo, que é, tipicamente, o núcleo do sintagma em que ocorre. Há nos dados um único caso que foge a esta situação típica: trata-se do exemplo (2) que apresenta a repetição de um

² Observa-se, aqui, certa discrepância entre a citação de Koch e os originais consultados, onde não constatei a seqüência “é pajem e arrumadeira”, mas somente “é arrumadeira”, conforme transcrevi em (1). Uma menção anterior a esse exemplo como um caso de *inserção* que cumpre as funções de *correção* e *esclarecimento* foi feita pela própria Koch et alii (1990:156). Também aí a citação difere dos dados originais, e não configura, inclusive, a repetição “pajem pajem” que ora me interessa. (A citação registra: “... aliás não é pajem é pajem e arrumadeira mas...”) Em comunicação pessoal (março/94), Koch afirmou terem sido ambas as citações desta passagem baseadas em observação feita por membro de seu grupo de pesquisa, que trabalhou na transcrição dos dados do NURC-SP. Devo observar que, embora a fala da informante seja realmente bastante rápida na passagem em questão, parece-me, todavia, que a transcrição publicada é fiel à gravação.

especificador (um quantificador, de significado lexical, de resto) cabendo assinalar que há elipse do termo quantificado.

4. O tipo de sintagma cujo núcleo se repete varia, tendo-se, assim, atestado nos exemplos, repetição de substantivo (cf. exemplos (1), (3), (5), (9) e (14)), de adjetivo (cf. exemplos (6), (7), (8), (10), (11), (12), (13) e (15)) ou de verbo (cf. (4)). Atestou-se ainda um caso único de repetição de numeral - o quantificador mencionado no item anterior (cf. exemplo (2)).

5. A maioria dos exemplos ((1), (2), (4), (6), (8), (9), (10), (11), (12), (13), (14) e (15)) ocorre em frases com uma negação.³

6. Em vários casos a repetição é imediatamente seguida do advérbio **mesmo** (e creio que se poderia dizer que nos demais casos a ocorrência do advérbio seria aceitável).

7. Em todos os casos, com exceção de (6) e (13), há no co-texto próximo uma ocorrência anterior do termo repetido (com variação flexional, eventualmente) ou de um seu sinônimo. Quanto a (6), pode-se observar que: o exemplo não inclui o registro do co-texto precedente, mas a descrição do contexto faz pressupor a ocorrência anterior de avaliações positivas, equivalentes ao termo repetido. Quanto ao exemplo (13), pode-se dizer o seguinte: efetivamente não se atesta aí a presença anterior do termo da repetição; pode-se observar, contudo, que a pergunta colocada por F1, na verdade, gera uma expectativa de ocorrência de uma expressão positiva (- para preservação da face de F1 -) equivalente àquele termo, o que poderia ter funcionado como um dado implícito para F2 produzir sua fala. Cabe ainda uma observação: no exemplo (7), o item da repetição ocorre anteriormente na primeira fala de A2, e também está subentendido na fala de M, neste último caso em referência à própria A2. Situação semelhante ocorre nos exemplos (8) e (11) em que o termo repetido figura explicitamente em uma fala anterior e está subentendido em outra.

8. Na grande maioria dos exemplos, a frase em que se atesta a repetição é introduzida por expressões que têm um certo **caráter adversativo** (como os marcadores conversacionais **bom**, dos exemplos (6), (9), (10), e **agora**, do exemplo (3); a interjeição **ah**, dos exemplos (7), (8), (11), (12) e (13) que poderia ser reconhecida como um equivalente coloquial da interjeição

³ Embora este tipo de repetição pareça ocorrer mais freqüentemente com negação (ponto de vista compartilhado por Koch, em comunicação pessoal -março/94), é também atestado em frases afirmativas e interrogativas. Retomo, a propósito, os exemplos de Koch (1992b: 21, 23): “Quero um café café”; “Tome XXXXX: o leite leite”; “Você já leu leu mesmo o livro todo?”; “Você gostou gostou mesmo do presente?”.

“ora”; a adversativa **mas**, do exemplo (5))⁴; ou de **atenuação** (cf. **se bem que**, no exemplo (2)); ou de **revisão** ou **correção** (cf. **aliás**, no exemplo (1)). Todas essas expressões apontam uma oposição de idéias a ser estabelecida.

9. Na maioria dos exemplos, o sintagma no qual incide a repetição ocorre em uma posição de destaque, como primeiro termo da oração (cf. (2), (3), (4), (6), (8), (9), (13), (14) e (15)), o que, em alguns casos, resulta de um deslocamento do sintagma em questão de sua posição mais freqüente (cf. (6), (8), (9), (13), (14) e (15)). No exemplo (4) a posição de destaque se confirma, já que a repetição ocorre no tópico do enunciado, que antecipa e projeta o SV da oração.

3. DO PONTO DE VISTA SEMÂNTICO

Quanto à interpretação semântica do caso de repetição em estudo, e ilustrando com o exemplo (1), pode-se estabelecer uma equivalência entre (1a) e (1b) abaixo:

- (1a) não é pajem **pajem**. É arrumadeira.
(1b) não é pajem **de verdade**. É arrumadeira.
..... **prá valer**
..... **propriamente**
..... **no sentido próprio**
..... **mesmo**

Essa associação que se observa na distribuição e no sentido dos segmentos grifados indica que:

1º) a segunda ocorrência de **pajem** implica uma saliência semântica que a distingue da primeira ocorrência: a segunda ocorrência expressa o significado essencial, ou **por excelência**, do termo⁵ (e a primeira é não marcada quanto a esse significado);

2º) a segunda ocorrência de **pajem** tem a função de precisar o sentido da primeira atribuindo-lhe justamente esse significado essencial ou mais representativo.

⁴ Mesmo na estrutura enfática *é que*, dos exemplos (5) e (7), que introduz uma explicação, pode-se perceber esse caráter adversativo uma vez que a expressão acentuaria o tom de justificativa do enunciado, e uma justificativa sempre se coloca como um argumento para vencer uma oposição ou uma resistência à idéia que se expõe. Os dois exemplos em questão - (5) e (7) - já têm o caráter adversativo pela presença do *mas* e do *ah* respectivamente, mas pode-se observar que mesmo com a supressão desses elementos a idéia adversativa permanece nos enunciados.

⁵ É um destaque semântico semelhante ao que se obtém com a expressão “com (inicial) maiúscula” colocada junto a um substantivo. Por exemplo: “Ele é homem com H maiúsculo”, a indicar a idéia de homem por excelência.

Deste modo, a expressão “pajem pajem”, assim constituída, equivaleria ou se aplicaria a “alguém que se dedica essencialmente, exclusivamente a cuidar de crianças, e não a outras atividades domésticas”, ou “alguém que cumpre essa função plenamente, ou de forma exemplar”.

Percorrendo os outros exemplos, de (2) a (15), observa-se que o comportamento semântico da repetição é semelhante. Ela implica sempre um destaque semântico⁶ do termo repetido, naquilo que é reconhecido como sua carga significativa essencial. Essa ênfase no significado próprio, preciso do termo vem ratificada muitas vezes pelo advérbio “**mesmo**” (v. 6 da seção anterior), que se classificaria como um “advérbio de verificação” que focaliza um termo e o confirma (Ilari et alii, 1990).

Essa repetição coloca, pois, em foco a questão do significado do termo repetido, especificamente no que diz respeito a sua denotação e a sua aplicação a um dado referente. Daí o fato de recair sempre sobre **um item lexical**, conforme já foi apontado (v. itens 3 e 4 da seção anterior).

Deve-se acrescentar que essa repetição, na medida em que circunscreve um significado próprio, e um uso apropriado do item lexical repetido, pressupõe, por outro lado, a possibilidade de um significado não tão preciso e de um uso quase que indevido, ou seja, uma quase impropriedade. Isto é, se se fala em “pajem pajem”, pressupõe-se que se use “pajem” = “não exatamente pajem⁷”. Ora, esse uso pressuposto na verdade está efetivamente presente ou subentendido no co-texto anterior à frase em que ocorre a repetição, conforme se pode atestar nos exemplos examinados (v. 7 da seção anterior). E a frase em que ocorre a repetição justamente se contrapõe a esse uso anterior como uma espécie de retificação. Daí ser essa frase, na maior parte dos casos, introduzida por uma expressão que indica uma mudança na orientação argumentativa (v. 8 na seção anterior). Daí, ainda, o fato de essa frase apresentar, também na maioria dos casos, uma negação de caráter corretivo (v. 5 na seção anterior). Essas observações se harmonizam com a já mencionada interpretação de Koch (1992) quanto ao exemplo (1) no qual à seqüência “não é pajem pajem” é atribuída a função de correção.

⁶ Esta análise se harmoniza com as observações de Koch (1992b) quanto aos exemplos semelhantes que mencionou: em casos como “Você já leu leu mesmo o livro todo?”, a A. indica a presença do fator “ênfase”; em casos como “Quero um café café”, a A. aponta a “intensificação da propriedade”. (cf. citação anterior, na p. 90).

⁷ Aponta-se, assim, para uma diferença de sentido entre duas ocorrências de uma mesma forma. Sob esse aspecto pode-se fazer uma aproximação com um outro tipo de repetição que deve ser bastante familiar a muitos falantes da língua:

“Há aulas e aulas”.

“Há professores e professores”.

Neste caso há associação de um significado positivo a uma das ocorrências e um significado negativo a outra. Não me parece ficar sempre claro a qual das duas ocorrências se associa um ou outro significado, mas, pelo menos em certas realizações, o falante marca o polo positivo pelo recurso supra-segmental da intensidade. Ex.: “Há AULAS e aulas”.

A interpretação semântica que aqui proponho para a repetição em estudo não me parece ser a única possível. Tratarei de uma interpretação alternativa ao abordar o caso a partir da perspectiva fonética.

4. ASPECTOS FONÉTICOS

No estudo da repetição, nem sempre têm sido considerados aspectos fonéticos como entonação, ritmo e qualidade de voz. Trata-se, no entanto, de uma vertente importante a ser explorada já que esses aspectos, por si só, podem determinar sentidos muito diferentes se utilizados contrastivamente na realização de um mesmo segmento lingüístico — é o que acontece, por exemplo, quando um falante repete uma seqüência lingüística com variação na entonação e obtém com isso uma mudança na força ilocucionária de seu enunciado). Por outro lado, a manutenção de padrões rítmicos e entonacionais no discurso constitui um fator fundamental na caracterização de certos tipos de repetição, conforme mostrou Tannen (1987) a respeito das “listas”, e Dutra (1990) a respeito de repetições oracionais na narrativa.

No caso específico da repetição em estudo, parece-me relevante observar se se acusam ou não diferenças de entonação, ritmo e qualidade de voz comparando-se a realização dos dois segmentos envolvidos - o primeiro segmento, que passarei a identificar como S1, e o segmento repetido, que identificarei como S2.

Considerando o exemplo (1)⁸, pude observar, no desempenho do falante, que S2, embora realizado mais rapidamente e com menor intensidade que S1, apresenta o mesmo contorno, mas em tonalidade ligeiramente mais elevada.

(1) aliás não é pajem pajem é arrumadeira.

Não se observa nenhuma pausa entre S1 e S2; ao contrário, sua realização ocorre como uma seqüência ininterrupta, assemelhando-se à realização de uma palavra composta, de cunho onomatopaico.

Creio que se pode destacar nessa realização o fato de S1 e S2 se integrarem como uma unidade, ao mesmo tempo em que apresentam diferenças entre si. Essa configuração fonética parece compatível com a interpretação semântica apresentada anteriormente, segundo a qual S1 e S2 têm diferença de significado mas constituem um conjunto que define um dado sentido.

Tendo em vista essa mesma interpretação semântica, testei junto a alguns colegas a aceitação do que seria o meu próprio desempenho em exemplos como (1) e os demais. Nesta realização, que foi confirmada como normal e associada ao sentido

⁸ Devo lembrar que este exemplo é o único que foi originalmente gravado. Os demais foram colhidos em conversações espontâneas, em momentos imprevisíveis.

mencionado, ocorre uma saliência de S2 através de vários recursos: maior duração e maior intensidade da tônica, realização mais lenta e com voz mais grave.

Deslocando o foco de observação e procurando verificar as constatações anteriores, pedi a alguns falantes que realizassem alguns dos casos em estudo, tendo inclusive registrado em gravação o desempenho de dois falantes em relação à lista completa dos exemplos⁹.

Considerando o conjunto das observações feitas pude concluir o seguinte: 1º) Efetivamente pode-se associar o destaque semântico descrito na seção anterior (= ênfase do “sentido próprio” do termo) a certos recursos de saliência fonética, a saber: a) alongamento e b) maior intensidade da tônica, c) elevação do tom, d) realização mais lenta, e e) voz mais grave. Os recursos **a**, **b**, **d** e **e** em geral aparecem combinados.

A saliência fonética atestada é semelhante à que ocorre com o **mesmo** asseverador (o que se pode verificar nos próprios exemplos em estudo ou em outros exemplos).

2º) A associação desses recursos fonéticos com essa carga significativa confirma-se pelo próprio fato de ocorrerem eles na realização do **mesmo** asseverador. Pode-se, por exemplo, substituir S2 por **mesmo** marcado por esses traços fonéticos e o efeito de sentido será idêntico. Cf:

(1b) não é pajem MESMO é arrumadeira.

Mas tal associação confirma-se sobretudo pelo fato de que esses traços fonéticos, independentemente da repetição, podem carrear o significado em questão. Suprimindo-se, por exemplo, S2 e fazendo-se incidir esses traços fonéticos sobre S1, obtém-se o mesmo sentido. Cf:

(1c) não é PAJEM é arrumadeira.

Parece-me, que neste caso, é imprescindível o agravamento da voz. (Isso mostra a relevância lingüística da qualidade de voz, contrariamente ao que sugere o termo “paralingüístico” com que é designada)¹⁰.

⁹ Para a gravação, os informantes tiveram acesso prévio às fichas dos exemplos, inteirando-se dos dados e de sua situação de ocorrência. Não estendi a experiência por julgar que a presença do gravador e a situação de leitura trouxeram um pouco de artificialidade ao desempenho dos falantes, pelo menos em alguns exemplos (que, aliás, foram descartados na análise). Talvez o ideal fosse submeter os informantes a um teste de percepção que procurasse associar determinada configuração fonética com uma dada interpretação semântica (sistematizando o que fiz mais ou menos informalmente com alguns colegas em relação ao meu próprio desempenho).

¹⁰ Devo esta crítica à terminologia a Ester M. Scarpa.

3º) Conforme o desempenho dos falantes que consultei, a saliência fonética pelos traços mencionados nem sempre incide sobre S2, ocorrendo muitas vezes sobre S1. Neste caso, S2, do ponto de vista fonético, ocorre em geral como uma cópia de S1, só que em escala reduzida ou, algumas vezes, praticamente na mesma escala.

Ora, quando S1 vem marcado foneticamente, é de se esperar que também seja marcado semanticamente (considerando-se o que se afirmou nos itens 1 e 2 anteriores). E isso de fato ocorre. Neste caso, o significado de S1 já implica a ênfase ao “sentido próprio” do termo, e esse significado apenas se repete em S2. Isso coloca, portanto, para a estrutura de repetição em estudo, uma interpretação semântica um pouco diferente da que foi vista na seção 3. Se naquela interpretação S2 precisava o significado de S1 constituindo com ele uma expressão única, nesta outra interpretação S2 apenas reforça ou intensifica o significado de S1 (podendo ser suprimido - cf. (1c) - sem maiores prejuízos para o significado da frase).

Creio que essas observações mostram a importância dos aspectos fonéticos neste caso de repetição já que eles trazem a chave da interpretação semântica da estrutura (e, conseqüentemente, de sua interpretação sintática).

5. DO PONTO DE VISTA SINTÁTICO

Para uma análise gramatical da repetição em estudo parece-me fundamental retomar as interpretações semânticas que a estrutura admite. No caso da primeira interpretação semântica proposta (v. seção 3), estabelece-se uma associação entre S2 e sintagmas preposicionais (“de verdade”, “prá valer”, “no sentido próprio”) ou sintagmas adverbiais (“propriamente”, “mesmo”). Esta associação sugere que há uma relação sintagmática entre S1 e S2, em que S1 funcionaria como núcleo e S2 como um complemento. O comportamento sintático seria, pois, paralelo ao comportamento semântico, em que S1 e S2 se distinguem e se integram.

Em uma transcrição em “grades”, conforme o modelo de Blanche-Benveniste et alii (1979)¹¹, a estrutura seria assim representada:

(1a) aliás não é pajem pajem

Blanche-Benveniste et alii (1979:177) mencionam, aliás, a possibilidade de se descrever como um sintagma “formas de reiteração lexical” analisadas como um “complexo”. Os autores incluem neste caso o “complexo” formado pelos “redobros intensivos”, como “parfait parfait” e “affreux affreux”. Em comunicação pessoal,

¹¹ A transcrição em grades proposta por Blanche-Benveniste et alii (1979) para a língua falada revela-se muito adequada para a visualização dos arranjos sintáticos do enunciado. Trata-se de uma transcrição bi-axial em que se ordenam, na linha horizontal, os segmentos em relação sintagmática, e se alinham, na vertical, os segmentos que se relacionam paradigmaticamente.

Blanche-Benveniste (ALFAL, set. 1990) citou-me ainda “joli joli” e “loin loin” que analisaria como um sintagma em francês. Nestes exemplos do francês, segundo minha percepção, a realização fonética dos dois segmentos se faz sem interrupção, como em uma palavra composta. Ou seja, no nível fonético há integração entre os segmentos, tanto quanto no nível sintático. Do ponto de vista semântico, segundo a interpretação dos Autores, há intensificação do significado, constituindo esta repetição, portanto, uma forma de expressão do superlativo (“joli joli” = “très joli”; “loin loin” = “très loin”). Grevisse (1964), em sua gramática **Le bon usage**, registra esse uso (p.297)). Isso faz supor que esse tipo de repetição estaria restrito aos adjetivos e a certos advérbios que admitem “graus”. A utilização desse recurso também ocorre em português (cf. Cunha e Cintra, 1985: 251,539) e pode ser exemplificada pelos versos “Eu sou pobre, pobre, pobre” e “Eu sou rico, rico, rico” da tradicional cantiga de roda. Não me parece todavia que em português se tenha aí o caso de uma estrutura sintagmática confirmada como uma unidade no nível da realização fonética. Antes, parece-me que a estrutura, neste caso, marcaria a intensidade por um processo analógico - pela repetição do segmento em sua integridade funcional e fonética; por acúmulo, portanto. Sendo assim, parece-me mais adequada a descrição desta repetição no eixo paradigmático:

(16) “Eu sou rico
rico
rico”

Observe-se que há diferença semântica entre o exemplo anterior (=“eu sou muito rico”) e

(17) “Eu sou rico RICO (MESMO)”. (= “Eu sou realmente rico”, i.é, “eu sou o que se pode chamar de rico”)

Voltando agora aos exemplos de nosso corpus, constata-se que na segunda interpretação semântica mencionada como possível para esse tipo de repetição (v. seção 4), a relação entre S1 e S2 seria, antes, paradigmática, já que não há distinção funcional entre os termos. Ilustrando com o exemplo (6) a transcrição seria, pois:

(6) (...) Bom, BONITO
BONITO ele num é (...).

Devo observar que o exemplo (4) parece oferecer alguma resistência à primeira interpretação sintática, o que se deve, talvez, à classe de palavra envolvida. (Os dois informantes que tiveram o desempenho gravado enfatizaram S1, neste exemplo, indicando a segunda interpretação sintática.)

6. OBSERVAÇÕES FINAIS

Como se pode ver, este tipo de repetição do português falado trabalha uma questão relativa ao significado e à referência de um dado item lexical. Tem, portanto, um caráter epilingüístico que fica talvez mais patente nos exemplos que envolvem uma correção explícita a um uso expresso no co-texto anterior¹².

Na medida em que realiza uma revisão de caráter semântico em relação a um item lexical explícito ou implícito no co-texto anterior, essa repetição cumpre uma função textual de coesão que se efetiva por meio de dois recursos:

- a) a própria repetição (duplicada) que retoma um elemento lexical precedente, e
- b) a relação de oposição de idéias que ela estabelece em relação ao que vem antes no discurso, relação esta que não somente está implicada na própria noção de **correção**, como também se explicita nas expressões de caráter adversativo que introduzem a frase em que ocorre a repetição (Cf. item 8, seção 2).

Como foi visto, essa estrutura repetitiva, que enfatiza o significado essencial do termo em que incide, é destacada no enunciado em que ocorre por recursos prosódicos e mesmo por sua distribuição privilegiada, já que na maioria das vezes ocorre em posição inicial (v. item 9, seção 2). Esse destaque parece-me compatível com o fato de estar em questão uma **correção**, processo que envolve sempre uma chamada de atenção para um determinado aspecto.

Observou-se no decorrer da análise que a estrutura em estudo permite duas leituras que se distinguem sintaticamente. A primeira delas é bastante instigante e traz à reflexão certos aspectos relativos à repetição que vale a pena acentuar:

- A repetição não é meramente um processo de redundância. No caso específico, S2 tem um significado preciso (equivalente, inclusive, ao de outros recursos lingüísticos com os quais é intercambiável - o “mesmo” asseverador e os recursos fonéticos mencionados) que contribui para a constituição do sentido da estrutura que integra.

- Nem toda repetição se dá no eixo paradigmático. Ao lado do caso aqui mencionado, outros poderiam ser lembrados em que se pode reconhecer uma relação sintagmática entre S1 e S2. Por exemplo:

¹² Esse caráter epilingüístico que se revela na preocupação do falante em precisar a denotação de um dado item lexical fica também patente em um exemplo que colhi no espanhol, onde ocorre uma variação da repetição em estudo. Cf:

“Comer, lo que se dice comer, no como desde hace dos días. Me pasé a porquerías.” (Caviglia, et alii 1993:279)

Aqui, a repetição, que em português é contígua, aparece mediada por uma expressão tipicamente epilingüística.

(18) “... Só o seu nome destrincharia qualquer charada social, política ou sexual do Brasil que vai de JK a PC.

Nada de mais para uma personagem **tão tão** como ela.”

(Leão 1992: 9)

Parece-me possível dizer que, neste caso, S1 é um advérbio intensificador que se aplica a S2, que funcionaria, por sua vez, como um núcleo de tipo adjetival.

Esse exemplo ocorre em um texto escrito, evidentemente, mas é inegável seu estilo coloquial e creio que não causaria nenhuma estranheza se ocorresse em uma conversação.

Um exemplo semelhante me chamou a atenção recentemente ao reler a caracterização que Trudgill (1978:19) faz da RP (received pronunciation) em Inglês. Ele diz:

(19) “This is the British English accent, or more properly the **English English** accent¹³”.

Aqui, claramente, há uma relação sintagmática envolvendo S1 e S2: o primeiro **English**, um adjetivo que identifica uma variedade regional (“da Inglaterra”), modifica o segundo **English**, um substantivo que identifica “a língua inglesa”. Este sintagma, por sua vez, modifica o nome “accent”.¹⁴

Uma outra estrutura de repetição que envolve uma relação sintagmática parece-me que pode ser identificada em uma construção que eu chamaria de predicativa, como ocorre no exemplo abaixo que encontrei numa matéria do Paulo Francis. Numa alusão à música sertaneja ele declara:

(20) “Problemas de sertanejo não me interessam.(...) ”

Não é preconceito ou esnobismo. Simplesmente acho **pobre pobre**.”

(**O Estado de S.Paulo**/Cultura, 07/08/93)

Também aqui se trata de um texto escrito mas que poderia perfeitamente ocorrer em uma conversação, pelo seu estilo coloquial. Neste exemplo, parece-me que o S1 é um substantivo e S2 um adjetivo que lhe é atribuído, numa relação predicativa.(Além disso há um matiz semântico que distingue os dois segmentos: S1 alude a uma pobreza material e S2 a uma pobreza cultural.)

¹³ Grifo meu.

¹⁴ Um exemplo semelhante em português me foi apontado por Koch (comunicação pessoal - março/94): “idoso idoso” - expressão usada por Dino Preti, em seu trabalho sobre a linguagem dos idosos, referindo-se a idosos mais velhos (acima de 80 anos), em contraposição a idosos não tão velhos (entre 60 e 80), referidos como “idosos jovens”.

Um caso semelhante pode ser reconhecido na relação equativa que se estabelece entre S1 e S2 nos exemplos abaixo:

(21) Comigo é assim: **pão, pão, queijo, queijo.**

(22) “Seja porém a tua palavra: **sim, sim; não, não.** O que disto passar vem do maligno.”

(Mateus, 5-37)

O último exemplo, evidentemente, além de ser tradução, é de língua escrita e literária, uma vez que se trata de um texto bíblico. Já o exemplo anterior é uma frase feita do português e talvez por isso devesse ser descartado, já que as frases feitas sabidamente resistem a uma análise gramatical. Todavia, não custa registrar mais essas ocorrências em que a repetição configura uma relação sintagmática e não paradigmática.

E para finalizar, um último caso que merece pelo menos ser colocado em discussão: trata-se de um certo tipo de seqüência de itens repetidos em que a configuração de lista (que tende a ser adotada tendo em vista a interpretação da estrutura como um caso de coordenação) não fica totalmente evidente, abrindo-se a possibilidade de uma interpretação alternativa que indica uma relação sintagmática para os itens repetidos. Veja-se, por exemplo, esta ocorrência:

(23) “(...) e diz assim: “preciso(...) um gerente de (...)” normalmente é um engenheiro isso isso isso (...)”

(NURC-SP D2,360, 1.906-908)

em que “engenheiro isso isso isso” poderia ter uma leitura equivalente a “engenheiro eletrônico especializado em X”, que conferiria à repetição uma relação sintagmática.

Mas essa discussão já é assunto para uma próxima vez.

BIBLIOGRAFIA

- BLANCHE-BENVENISTE, Claire et alii. 1979. “Des grilles pour le français parlé”. **Recherches sur le français parlé**. 2, p. 163-206.
- BORGES, Jorge Luis. 1974. **Obras completas**. (16ª impressão-1987), Buenos Aires: Emecé Editores.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (orgs.). 1987. **A linguagem falada culta na cidade de S.Paulo: materiais para seu estudo**. V.II - **Diálogos entre dois informantes**. S.Paulo: T.A.Queiroz/FAPESP.
- CAVIGLIA, S. et alii. 1993. “Estructuras tópico-comentario en Espagnol”. **Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL**. Vol.II. Campinas: UNICAMP, p.267-286.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Luís F. Lindley, 1985. **Nova Gramática do português contemporâneo**. (2ª ed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- DUTRA, Rosália. 1990. **A repetição oracional como elemento de coesão nas narrativas orais: estrutura e entoação**. Belo Horizonte: Seminário do GT de Análise da Conversação, ANPOLL, inédito.
- GREVISSE, Maurice, 1964. **Le bon usage. Grammaire française avec des remarques sur la langue française d'aujourd'hui**. (8ª ed.rev.) Paris: A.Hatier.
- ILARI, Rodolfo et alii. 1989. "Considerações sobre a posição dos advérbios". In: Ataliba Teixeira de Castilho (org). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Edit.UNICAMP/FAPESP, p.63-141.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. 1990. **Reflexões sobre a repetição**. Belo Horizonte: Seminário do GT de Análise da Conversação, ANPOLL, inédito.
- _____. 1992a. **A interação pela linguagem**. S.Paulo, Contexto.
- _____. 1992b. **A repetição como mecanismo estruturador do texto falado**. IEL/UNICAMP, inédito.
- _____. et alii. 1990. "Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado". In: Ataliba Teixeira de Castilho (org). **Gramática do português falado**. Campinas, Edit. UNICAMP/FAPESP, p.143-184.
- LEÃO, Danuza. 1992. **Na sala com Danuza**. S.Paulo: Siciliano.
- MARCUSCHI, Luis Antonio. 1992. **A repetição na língua falada. Formas e funções**. Recife: UFPE, Tese de Concurso para Professor Titular.
- PERINI, Mario Alberto, 1980. "A função da repetição no reconhecimento de sentenças". **Ensaio de Linguística**. Belo Horizonte, UFMG, p.111-123.
- RAMOS, Jânia M. 1985. **Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado**. Versão resumo de dissertação de mestrado apresentada na UFMG, Belo Horizonte, 1983, inédito.
- SOUZA, Cláudia Nívia Roncarati de. 1990. **Reiteração e paráfrase em estruturas paralelas**. Belo Horizonte: Seminário do GT de Análise da Conversação, ANPOLL, inédito.
- TANNEN, Deborah. 1987. "Repetition and variation as spontaneous formulaicity in conversation". **Language**, vol.63, nº3, Sept./87, p.574-605.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. 1989. "Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação". **Letras & Letras**, 5 (1 e 2), jul/dez. 1989, p.5-61.